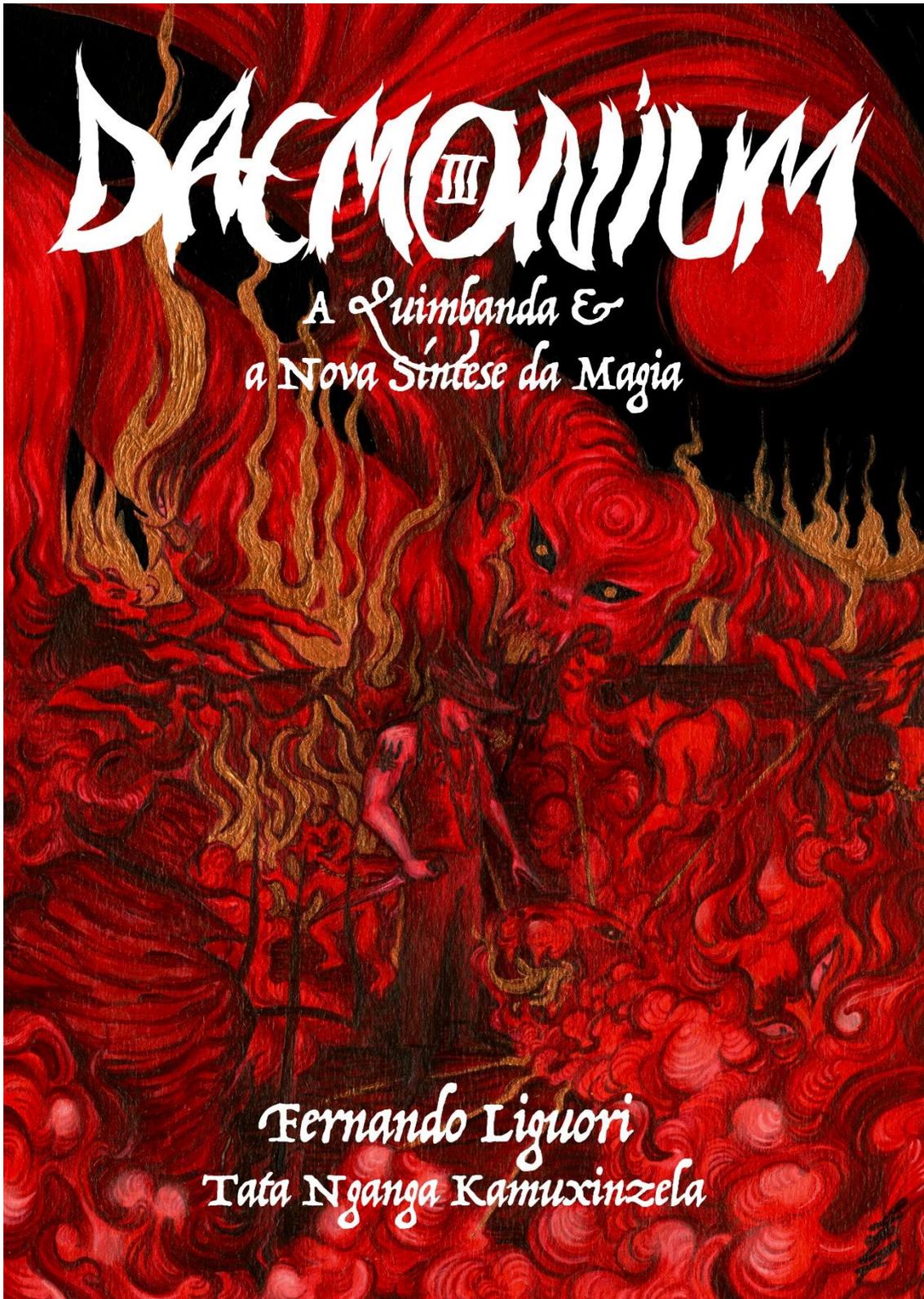


DAEMONIUM

A Quimbanda E
a Nova Síntese da Magia

Fernando Liguori
Tata Nganga Kamuxinzela





TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

QUIMBANDA GOÉCIA

ASSENTANDO DEMÔNIO

DA SÉRIE: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA¹

INTRODUÇÃO

No crepúsculo da Antiguidade, especialmente durante o período apostólico, observa-se uma profunda reinterpretação do estatuto ontológico das *criaturas espirituais* no horizonte teológico cristão nascente. Nesse contexto, a presença de demônios era frequentemente inferida a partir de condutas humanas consideradas moral ou religiosamente desviadas. Os ritos sacrificiais e a devoção tributada aos antigos deuses greco-romanos eram já então reinterpretados como oferendas feitas a espíritos demoníacos;² tal prática, por isso mesmo, passou a ser compreendida como comportamento teologicamente inadequado e espiritualmente perigoso, na medida em que sujeitava o ser humano aos caprichos das chamadas hostes do mal.³ Configura-se, portanto, uma equivalência epistemológica e moral: a prática da magia, ao valer-se de ritos sacrificiais dirigidos a deuses pré-cristãos, era assimilada, em bloco, à categoria de *magia demoníaca*, precisamente por implicar, segundo a hermenêutica cristã, o trato com demônios. A partir daí, qualquer forma de ação mágica que envolvesse sacrifícios ou oferendas foi subsumida sob a rubrica de práticas demoníacas, vinculando-se teológica e ontologicamente ao exercício de ritos interditos.

Com o avanço da Idade Média e a posterior consolidação da Idade Moderna, emerge e se difunde, em círculos europeus de magia demonológica (*nigromancia*), um conjunto de manuscritos conhecidos como grimórios. Estes compêndios, de inegável relevância epistemológica para a história das religiões e do *esoterismo ocidental*, oferecem instruções operacionais precisas para a convocação de espíritos classificados como ctônicos, telúricos e aéreos, i.e. *criaturas espirituais* enquadradas na categoria cristã de *demônios*. Entre esses documentos destaca-se, no Séc. XVIII, o GRIMORIUM VERUM, cuja trajetória sincrética o conduziria, já na década de 1950,⁴ a ser associado à feitiçaria tradicional brasileira — a Quimbanda —, dando origem a um duplo processo de transformação: i. a reinterpretação da Quimbanda como forma

¹ A Série *A Quimbanda & a Nova Síntese da Magia* são ensaios que orbitam o livro DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (Clube de Autores, 2024), e tratam da *incursão diabólica* no Brasil, da qual deriva a *Quimbanda Goécia* em um processo de integração entre a demonologia europeia e a feitiçaria banto-ameríndia.

² Diferente das culturas anteriores ao cristianismo, o sacrifício aos deuses nas sociedades tradicionais antigas era considerado uma boa conduta, um bom comportamento. Ver a seção sobre sacrifícios rituais em Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024.

³ Valerie Flint. Ensaio *Demonizando a magia e a feitiçaria na Antiguidade Clássica: redefinições cristãs das religiões pagãs*. Publicado em BRUXARIA E MAGIA NA EUROPA. Madras, 2004.

⁴ Na Parte I de GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (Clube de Autores, 2023), me esforcei por demonstrar tendências higienistas que hoje são propagadas na Quimbanda, cuja intenção é invalidar o trabalho das vertentes tradicionais de Quimbanda, fundamentalmente a Quimbanda Nãgô, e sua hibridização com a demonologia europeia, classificando inúmeras famílias de *Quimbanda Nãgô* como *dissidências ilegítimas*.



genuína de *goécia brasileira*;⁵ e ii. a sua assimilação como modalidade brasileira de *nigromancia*.

É precisamente na década de 1950 que Aluizio Fontenelle (1913-1952) consolida no imaginário religioso brasileiro a figura do Exu-Diabo. Sua contribuição histórica consiste em articular uma conexão direta entre os Exus mais conhecidos da época e os demônios do GRIMORIUM VERUM. Com isso, Fontenelle não apenas delineia os primeiros traços da Quimbanda tal como a praticamos hoje, mas também estabelece sua iconografia e estética de cunho diabólico. É nesse momento que, pela primeira vez, desponta a concepção de *reinos* dentro da Quimbanda — notadamente o Reino das Encruzilhadas e o Reino do Cemitério —, cuja formulação ontológica e hierática viria a estruturar práticas subseqüentes.

Ao divulgar a Chancela Imperial de Maioral, Fontenelle fixa símbolos fundamentais da Quimbanda e a insere no horizonte mais amplo do *Ocultismo* europeu, cuja reemergência, no final do Séc. XIX, estava marcada pela recepção e reelaboração de tradições alquímicas, astrológicas e cabalísticas europeias. Nesse quadro, a Quimbanda absorve conceitos da magia cerimonial ocidental. Fontenelle sistematiza ainda a identificação dos Maiorais ou Chefes do Inferno — Lúcifer,⁶ Beelzebuth⁷ e Ashtaroth⁸ —, reinterpretando-os à luz do GRIMORIUM VERUM e elegendo o Baphomet de Éliphas Lévi (1810-1875) como ícone axial do culto. Ele associa o trabalho e a ação de Exu à *Luz Astral* ou *Agente Mágico Universal* de Lévi, categoria que, nas tradições platônicas e herméticas anteriores, se identificava com a *alma do mundo*.⁹ Nessa perspectiva, Fontenelle constrói uma ponte sólida entre a feitiçaria brasileira e o corpus do *Ocultismo* europeu.

O Mestre de Quimbanda Muloji em seu livro *KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI*, diz:

A Kimbanda Nago sempre foi a mais difundida, forte e conhecida em todo território do Brasil e se não foi a primordial. [...] Com o tempo alguns feitiçeiros aderiram a mesclagem da Kimbanda Nago com a cabala goética dos demônios formando assim um sub-mundo oculto para as práticas proibidas. [...] Esta é a linha mais propagada e tradicional de Kimbanda existente no Brasil. Cultuada com imagens trevosas de gesso. [...] Apesar de Exu Gererê ser o comandante supremo, tornou-se comum o uso sincrético da estateta de Baphometh.¹⁰

⁵ Como demonstrei nos dois volumes do *DAEMONIUM*, a *goécia* é uma prática de necromancia grega que data do Séc. V a.C. É somente com a *interpretatio romana* por volta dos Sécs. III-V d.C. que a *goécia* grega assumiu a forma salomônica e, desde então, associada a convocação de demônios. Ver Humberto Maggi. *GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA*. Clube de Autores, 2020.

⁶ Sincretizado com Exu Lúcifer.

⁷ Sincretizado com Exu Beelzebuth.

⁸ Sincretizado com Exu Rei das Sete Encruzilhadas. Na nossa família *Cova de Cipriano Feitiçeiro*, Astaroth é sincretizado com Pombagira Rainha das Sete Encruzilhadas. Essa Trindade Infernal

⁹ Veja Cornélio Agrippa. *TRÊS LIVROS DE FILOSOFIA OCULTA*. Madras, 2008. Veja também *Revista Nganga* No. 8.

¹⁰ Muloji. *KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI*. Edição do Autor, 2023, pp. 118-125.

A *Quimbanda Nàgô*, nesse contexto, absorveu múltiplas influências demonológicas e diabólicas provenientes do GRIMORIUM VERUM, o que explica sua designação recorrente como *Quimbanda Raiz* ou *Quimbanda Goécia*. Seguindo o caminho sincrético inaugurado por Fontenelle, no qual os Exus são integrados à hierarquia demoníaca do GRIMORIUM VERUM, a *Quimbanda Nàgô* estruturou seus fundamentos práticos de modo que o Exu tutelar de cada *kimbanda* comanda uma miríade de demônios — não apenas os constantes do GRIMORIUM VERUM, mas todos os que se enquadram na tradição da *nigromancia*.

Neste ponto, deparamo-nos com a fórmula mágica universal do espírito tutelar, a qual venho demonstrando desde o DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA (2019). Assim como, na MAGIA SAGRADA DE ABRAMELIN, O MAGO, o Sagrado Anjo Guardião é o mediador autorizado para contato, poder e comando sobre os demônios; assim como, nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, o *paredros* assiste o feiticeiro na conjuração de diversos *daimones* e na consecução da deificação da alma; assim como Salomão, na tradição salomônica, cooptou o demônio Ornias como espírito assistente; assim como Cipriano e Fausto convocaram o Diabo para, mediante pacto, adquirir os segredos da magia e, com eles, o poder de comandar espíritos e obter conhecimento, prestígio e notoriedade — do mesmo modo, o *kimbanda* exerce autoridade sobre uma miríade de demônios pela mediação de seu Exu tutelar.

Na *Quimbanda Nàgô*, Exus e demônios compartilham¹¹ oferendas e atuação mágica: o demônio potencializa a força operacional do Exu, que, por sua vez, exerce comando sobre ele. Trata-se de um poder instrumentalizado por Exu, cuja disponibilidade na Natureza remete à mesma lógica pela qual o mago salomônico compreendeu que poderia utilizar o poder dos demônios para fins legítimos ou ilícitos. Assim, por intermédio de seu Exu tutelar, o *kimbanda* tem acesso ao mesmo reservatório de forças disponíveis nos três reinos fundamentais da Natureza: o submundo, a terra e o ar.

Os símbolos hieráticos do Brasão Imperial de Maioral codificam — ou, ao menos, tornam manifesta — a estruturação simbólica da Quimbanda, na qual uma força superior, um *Mistério sem Nome*, emerge da convergência de potências oriundas de Ògún, Èsú, São Miguel e o próprio Diabo. Da síntese dessa miscigenação mágico-cultural nasce o Chefe Império Maioral e, com ele, a Quimbanda enquanto corpo de hordas de Exus-Diabos. Este *Mistério sem*



¹¹ Eles podem, no entanto, comer separados e terem moradas de poder (assentamentos) distintos. Tudo dependerá da natureza do Exu e do demônio.

Nome, a força inominável que denominamos Maioral-Diabo, constitui a fonte ontológica do poder dos Exus sobre os demônios dos três reinos fundamentais.

O trato com demônios, na *Quimbanda Nàgô*, dispensa o aparato técnico da magia cerimonial clássica — círculo, triângulo, baqueta, robe —, mas requer outros elementos, como a assinatura cabalística dos demônios. A metalinguagem hebraica da magia salomônica pode ser mobilizada pelo *kimbanda* desde que este domine a língua e saiba, por intermédio de seu Exu tutelar, manejar a força ou assinatura espiritual inerente a cada letra e nome.

*Os espíritos que se apresentam dentro desta linha são denominados vulgarmente de bruxos ancestrais.*¹² A tradição compreende que a maioria dos Gangas que se apresentam na *Quimbanda*

Nàgô são feiticeiros, bruxos, religiosos e místicos oriundos de múltiplas tradições espirituais, de épocas remotas e do presente. *Os espíritos que são os componentes desta linha são exímios entendidos na prática da magia, seja astral, ou natural, ou de qualquer outra forma ou modalidade a eles requisitados.*¹³ Esses Gangas dominam diversas modalidades de magia — astral, natural ou outras —, evidenciando a capacidade de operar sobre diferentes sistemas, assimilando-os e adaptando-os à *Quimbanda*.



Tal plasticidade abre um horizonte magístico amplo, permitindo ao *táta-nganga* criar fundamentações diversas e potentes. A *Quimbanda Nàgô*, por isso, é reconhecida como *linha cruzada* quando integra rituais e práticas de outros cultos: *abordam facilidade em sua fundamentação permitindo ao mestre criador as mais diferentes e poderosas formas de fundamentação.*¹⁴ E a *Quimbanda Nàgô* é conhecida como *linha cruzada* quando *mesclam duas ou mais linhas com a nagô. Quando esta linha é cruzada com rituais de outros cultos.*¹⁵

Os demônios, na *Quimbanda Nàgô*, são convocados sob a autoridade do Exu tutelar e da Trindade Maioral, seguindo o sistema tradicional de convocação demoníaca em nome dos chefes de falange. A eles são oferecidos sacrifícios e oferendas. No primeiro volume do DAEMONIUM¹⁶ eu resumi:

¹² Muloji. KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI. Edição do Autor, 2023, pp. 120.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Fernando Liguori. DAEMONIUM. Vol. I. Clube de Autores, 2019, pp. 239.



Na história de Fausto, Mefistófeles lhe confere uma acurada descrição de como se organiza a hierarquia espiritual, muito similar a descrições que encontramos nas famílias de espíritos de diversas tradições de cabala crioula:¹⁷ espíritos menores são governados por espíritos maiores e mais poderosos. Tudo funciona como uma longa cadeia de transmissão onde o mago pede ao espírito e ele leva a seu superior o pedido do mago. E essa é a ideia central por trás da arte da goécia desde a Antiguidade clássica: o espírito ajuda o mago com a autorização de um poder superior, muitas vezes uma divindade. Na recessão cristã da hierarquia infernal, é o Diabo que assume a posição de espírito superior,¹⁸ da mesma maneira que os deuses nas culturas gregas e romanas.

A *Quimbanda Nàgô* é a derivação mais flexível da demonologia sincrética de Fontenelle, dotada de fundamentos ricos que lhe conferem abordagem magística abrangente. Um Mestre de *Quimbanda Nàgô* é capaz de operar com qualquer demônio oriundo dos grimórios salomônicos, integrando-o à hierarquia dos Gangas.

QUIMBANDA GOÉCIA: CLAUNECK



Nas zonas liminares do imaginário mágico-religioso europeu, particularmente no cruzamento entre a tradição fáustica e a tradição cipriânica, delineia-se um campo simbólico e operativo cuja genealogia remonta a um processo histórico complexo. A tradição fáustica, forjada a partir do ciclo narrativo de *Fausto* — personagem que condensa arquétipos do mago renascentista, do alquimista hermético e do transgressor que pactua com *entidades praeter-humanas* —, cristaliza, na modernidade europeia, um modelo de relação contratual com o *espírito tutelar* que reinterpreta práticas muito mais antigas de mediação com *inteligências ctonianas*.¹⁹ Paralelamente, a tradição cipriânica — centrada na figura lendária de São Cipriano de Antioquia, convertido do paganismo e da feitiçaria ao cristianismo, mas cuja lenda o preserva como mestre da *ars magica*

— mantém viva, nos espaços ibéricos e latino-católicos, uma teurgia popular estruturada em torno de grimórios, orações e receitas mágicas transmitidas oralmente ou fixadas em compilações vernaculares. A convergência destas duas correntes, ao longo da Idade Moderna, encontra expressão paradigmática em *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO*, obra que, na sua pluralidade de versões, funde elementos do pacto fáustico com o arcabouço ritual e devocional cipriânico, criando um manual híbrido que circula entre a magia erudita dos grimórios e a feitiçaria popular de base oral.²⁰

Essa síntese não se deu em isolamento, mas no contexto de uma transição cultural marcada pela tensão entre o Iluminismo, com seu programa de racionalização e depuração da religião, e o Contra-Iluminismo, empenhado em preservar e reinterpretar o patrimônio hermético, astrológico e teúrgico. O Romantismo, emergente no

¹⁷ Aqui, especificamente, eu me referia a Quimbanda.

¹⁸ Assim como na Quimbanda.

¹⁹ Ver Fernando Liguori. *DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA*. Clube de Autores, 2019.

²⁰ *Ibidem*. Ver também *DAEMONIUM: A QUIMBANDA NO RENAScer DA MAGIA*. Clube de Autores, 2022.

início do Séc. XIX, valorizou a imaginação, o mistério e o *Volksgeist*,²¹ favorecendo a recuperação e recomposição de tradições mágico-religiosas marginalizadas pelo racionalismo e pelo nascente positivismo.²² É nesse clima intelectual que se consolidam as edições modernas do GRIMORIUM VERUM e do GRAND GRIMOIRE, obras que, embora fixadas tipograficamente no Séc. XVIII, incorporam materiais e fórmulas herdadas da magia renascentista, da demonologia salomônica e da feitiçaria popular franco-latina. Neles encontramos a classificação de inteligências ctonianas e telúricas — forças sublunares — que, embora reinterpretadas pela lente cristã, conservam funções ancestrais de mediação entre o humano e o divino.²³

Essa reconfiguração cultural e editorial, ao mesmo tempo erudita e popular, não permaneceu circunscrita aos círculos iniciáticos ou à tipografia de luxo, mas acabou transbordando para o vasto mercado de impressos de baixo custo. O mesmo movimento que fixou, no período moderno, a forma tipográfica do GRIMORIUM VERUM e do GRAND GRIMOIRE abriu caminho para a sua adaptação e circulação em formatos acessíveis às camadas populares, preparando o terreno para o surgimento das edições conhecidas como *grimórios azuis*.

A denominação *grimórios azuis* refere-se a um corpus de edições populares, com frequência impressas em capas de tonalidade azul, que veicularam, em formatos acessíveis e de ampla circulação, versões de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO e outros compêndios de feitiçaria.²⁴ Esses impressos, produzidos majoritariamente no Séc. XX, conservaram e difundiram fórmulas mágicas, selos e instruções rituais herdados de manuais europeus clássicos, como o GRIMORIUM VERUM, o GRAND GRIMOIRE e o DRAGÃO VERMELHO.²⁵ Embora frequentemente relegados a um estatuto marginal pela crítica acadêmica e por setores do *Ocultismo* erudito, tais publicações desempenharam papel decisivo na preservação e na propagação da goécia vernacular, funcionando



²¹ No contexto da filosofia da religião e da ciência do espírito (*Geisteswissenschaften*), a expressão o mistério refere-se à dimensão iniciática e velada da realidade sagrada — aquilo que, por sua própria natureza, não é redutível à linguagem ordinária nem plenamente comunicável fora de um contexto ritual ou de uma tradição viva. Já o termo *Volksgeist* (*espírito do povo*), consagrado por Johann Gottfried Herder (1744–1803) e sistematizado na filosofia da história de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831), designa o conjunto das forças espirituais, culturais e históricas que moldam a identidade profunda de um povo ou nação. A articulação entre ambos implica reconhecer que cada tradição iniciática se enraíza num *Volksgeist* particular, de cujas potências ela é expressão velada, sendo o *mistério* a sua forma iniciática e o *Volksgeist* a sua substância anímica.

²² Para uma contextualização cultural, ver: Tim Rudbog. *THE ACADEMIC STUDY OF WESTERN ESOTERICISM*, Vol. I. Hermes Academic Press, 2013. Wouter J. Hanegraaff. *NEW AGE RELIGION AND WESTERN CULTURE*. Brill, 1996. Wouter J. Hanegraaff. *ESOTERICISM IN WESTERN CULTURE: COUNTER-NORMATIVITY AND REJECTED-KNOWLEDGE*. Bloomsbury, 2025. James Webb. *THE OCCULT UNDERGROUND*. Open Court, 1990. Joscelyn Godwin. *THE THEOSOPHICAL ENLIGHTENMENT*. SUNY, 1994. Christopher Partridge. *THE RE-ENCHANTMENT OF THE WEST*, Vols. 1 e 2. T&T Clark, 2004 e 2005.

²³ Ver Jake Stratton-Kent. *CYPRIAN'S OFFICES OF SPIRITS: THE TERRESTRIAL INTELLIGENCER*. Hadean Press, 2024. Jake Stratton-Kent. *PANDEMONIUM: A DISCORDANT CONCORDANCE OF DIVERSE SPIRIT CATALOGUES*. Hadean Press, 2016.

²⁴ As origens do formato e estética dos chamados *grimórios azuis* remetem à tradição editorial francesa da *Bibliothèque Bleue*, desenvolvida em Troyes entre os Sécs. XVII e XIX, caracterizada por livros de baixo custo com capas de papel azulado, destinados ao consumo popular (cf. Roger Chartier. *CULTURE ÉCRITE ET SOCIÉTÉ*. Albin Michel, 1996).

²⁵ O GRIMORIUM VERUM (primeira edição conhecida: 1824, possivelmente em Nápoles), o GRAND GRIMOIRE (LE DRAGON ROUGE, Séc. XIX) e o DRAGÃO VERMELHO circularam amplamente na França, Itália, Espanha e Portugal, sendo traduzidos e adaptados em sucessivas reimpressões (cf. Jake Stratton-Kent, Jake. *THE TRUE GRIMOIRE*. Scarlet Imprint, 2009).



como ponte material entre a magia cerimonial europeia e a feitiçaria popular, e garantindo a continuidade de elementos da tradição cipriânica até o presente.

No Brasil, esses *grimórios azuis* constituíram o principal veículo de transmissão de sigilos, nomenclaturas e hierarquias espirituais provenientes da literatura mágica europeia — incluindo variantes italianas do VERUM que já incorporavam adaptações tardias.²⁶ Em conjunção com práticas de feitiçaria de matriz ibérica e afro-brasileira, esses compêndios facilitaram a inserção de entidades e estruturas do VERUM no universo ritual da Quimbanda, fomentando, no Séc. XX, a associação moderna entre Exus e os espíritos infernais do GRIMORIUM VERUM.²⁷

Mais amplamente, a circulação de *grimórios azuis* — particularmente o VERUM, o GRAND GRIMOIRE e o HONORIUS — exerceu influência profunda na crioulização das práticas mágicas afro-diaspóricas nas Américas.²⁸ Introduzidos nos territórios coloniais por meio de redes de comércio, contingentes militares, missionários e migrantes europeus desde o Séc. XIX,²⁹ esses textos foram apropriados e reinterpretados nos complexos religiosos resultantes da fusão de tradições africanas, europeias e ameríndias. No Brasil, o VERUM e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO adquiriram relevância singular ao se integrarem à Jurema, à Macumba carioca e, mais tarde, à Umbanda e à Quimbanda,³⁰ contextos nos quais a demonologia europeia foi recodificada como a Legião dos Exus.³¹ Tal crioulização consistiu não em mera sobreposição de elementos, mas em um processo ativo de tradução cultural e de ressignificação ritual, no qual nomes e selos infernais europeus receberam atributos, funções e personalidades moldadas pelas cosmologias afro-brasileiras e pela experiência histórica da escravidão, do culto aos ancestrais e da centralidade dos espíritos nos ritos de passagem e nas operações mágicas.³²

²⁶ Versões italianas e francesas tardias do VERUM já apresentavam modificações de linguagem, substituições de nomes e reorganização de hierarquias espirituais, processo que continuou nas edições populares de Portugal e Espanha e chegou às versões brasileiras via mercado editorial luso-brasileiro (cf. Jake Stratton-Kent. *THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE*, Vol. 1. Hadean Press, 2024).

²⁷ Após a síntese de Fontenelle na década de 1950, a associação moderna entre Exus e os espíritos infernais do VERUM é analisada por Stratton-Kent em *THE TRUE GRIMOIRE* (Scarlet Imprint, 2009), que identifica uma fusão simbólica e funcional entre a demonologia do VERUM e a cosmologia da Quimbanda urbana.

²⁸ A crioulização dos *grimórios azuis* deve ser entendida como parte do processo mais amplo de mestiçagem ritual nas Américas, em que elementos europeus foram reconfigurados no quadro das religiões afro-diaspóricas (cf. Sidney W. Mintz e Richard Price. *THE BIRTH OF AFRICAN-AMERICAN CULTURE*. Beacon Press, 1992).

²⁹ A penetração desses textos nas colônias americanas ocorreu através de múltiplos vetores: soldados e marinheiros franceses e ibéricos, missionários católicos portadores de literatura devocional e mágica, e imigrantes europeus que trouxeram consigo edições populares dos Sécs. XIX e XX (cf. Owen Davies. *GRIMOIRES: A HISTORY OF MAGIC BOOKS*. Oxford, 2009).

³⁰ No Brasil, a presença do VERUM e de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO é atestada na Jurema (Nordeste), na Macumba (Rio de Janeiro, início do Séc. XX), e posteriormente na Umbanda e Quimbanda — ver Jake Stratton-Kent. *THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE*, Vol. 1. Hadean Press, 2024.

³¹ Essa recodificação não se limitou a nomes e sigilos: incluiu a redefinição de funções, atributos e *linhas de trabalho*, integrando-as às classificações e usos próprios das práticas afro-brasileiras (cf. Fernando Liguori. *DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA*. Clube de Autores, 2024).

³² O processo de ressignificação dos nomes e selos infernais nas cosmologias afro-brasileiras se alinha a práticas de tradução simbólica documentadas em outros contextos afro-diaspóricos, como no vodu haitiano e no obeah antilhano (cf. Phyllis Galembo. *VODOU: VISIONS AND VOICES OF HAITI*. Henry N. Abrams, 1992). Ver também Jake

A literatura de João do Rio (1881–1921) constitui uma das mais ricas fontes para compreender a presença e a adaptação dos *grimórios azuis* no contexto urbano carioca do início do Séc. XX. Em *AS RELIGIÕES DO RIO* (1900), o cronista observa com minúcia a religiosidade popular, documentando terreiros de macumba, casas de benzimento e centros de consulta espiritual onde se cruzavam rezas católicas, invocações demonológicas e procedimentos mágicos de origem europeia. Embora não empregue a expressão *grimórios azuis*, João do Rio descreve o uso de *livros de feitiço* e *orações de poder* que correspondem, material e funcionalmente, às edições populares de *O LIVRO DE SÃO CIPRIANO*, que ele cita nominalmente, e de compêndios como o *GRIMORIUM VERUM*. Esses registros literários revelam que, já nessa época, a demonologia do *VERUM* e fórmulas mágicas cipriânicas circulavam em meio às práticas afro-brasileiras urbanas, participando ativamente do processo de crioulização mágica. Assim, João do Rio testemunha um estágio crucial da formação da Quimbanda urbana: o momento em que a demonologia impressa e a cosmologia dos espíritos da rua se fundem, criando um campo ritual híbrido que atravessa todo o Séc. XX.



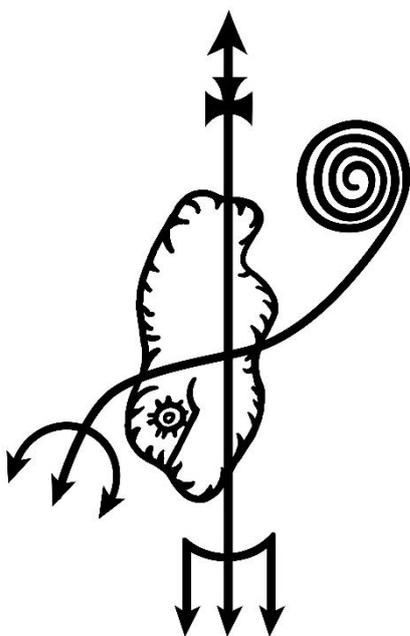
O que João do Rio flagra nas vielas e terreiros do Rio de Janeiro não é senão a sobrevivência e metamorfose de um arquétipo religioso muito mais antigo, tema que venho tratando ostensivamente em minha literatura: a figura do espírito intermediário que acompanha, instrui e protege o mago. A associação entre as *inteligências terrestres* do *VERUM* e os Exus corresponde, em última instância, à reinterpretação moderna dos antigos *paredroi* ou *daimones* do mundo greco-romano. Estes, recodificados na Idade Média e Moderna como espíritos familiares do pacto fáustico-cipriânico, mantêm intacta sua função iniciática e tutelar, preservando sob nova roupagem cristianizada — e, no Brasil, crioulizada — um culto ancestral às potências divinas ctônias e aos mortos.



Na antiguidade greco-romana, tais intermediários eram conhecidos como *paredroi* ou *daimones*, divindades tutelares ou coletivas que guiavam, protegiam e instruíam o indivíduo ou a comunidade, mediando a sua relação com as potências supremas. No ambiente medieval e moderno, este papel foi recodificado como o de *espírito familiar* ou *diabo pessoal*, figura central na *praxis* do pacto fáustico-cipriânico. Longe de serem apenas instrumentos para operações utilitárias, esses espíritos

tutelares condensam uma função iniciática: conduzir o operador pela rede invisível de relações espirituais, instruí-lo na arte da manipulação de forças e, muitas vezes, incorporar atributos de deidades ctonianas de um passado pré-cristão — divindades da morte, da fertilidade da terra, da riqueza e da soberania infernal, i.e. ctoniana. Assim, o culto a esses espíritos tutelares preserva, sob nova roupagem, um substrato religioso muito mais antigo, ligado ao culto ancestral dos mortos, à veneração das potências infernais e à negociação constante com forças percebidas como ambivalentes — capazes de conceder benefícios extraordinários, mas igualmente de punir a quebra dos compromissos assumidos.³³

Neste *corpus* de grimórios e tradições orais, Clauneck se destaca como figura paradigmática. Inscrito na hierarquia demonológica do GRIMORIUM VERUM, ele ocupa o ponto nodal onde se articulam as representações da riqueza, do poder material e da prosperidade como dimensões legítimas de uma teurgia aplicada ao plano econômico e social. Guardião dos tesouros ocultos e mestre na manipulação das correntes materiais, Clauneck encarna o arquétipo do espírito tutelar que, operando nas fronteiras entre o mundo sensível e o plano invisível, preserva e reativa circuitos de saber e de poder oriundos de um passado religioso em que o culto às potências ctonianas era parte constitutiva da vida comunitária e do exercício da autoridade sagrada.



Quando esta figura é transplantada para o Brasil no contexto da Quimbanda — particularmente através da *nova síntese da magia* inaugurada por Aluizio Fontenelle — o arquétipo de Clauneck encontra equivalentes funcionais nos Exus senhores da prosperidade e da defesa, entre os quais se destaca Exu Pantera Negra.³⁴

Exu Pantera Negra, patrono dos *caboclos kimbandas*, condensa múltiplas camadas históricas e culturais: o culto ameríndio ao jaguar como divindade guerreira e protetora; as pajelanças caboclas do norte e nordeste, onde a Yawara Pixuna (*onça negra*) protege contra forças hostis e favorece empreendimentos ousados; os cultos africanos ewe-fon ao vodum Kposún e a Agassou, deuses-pantera ligados tanto à realeza quanto aos ritos fúnebres; e a experiência histórica dos quilombos, onde o sincretismo entre guerreiros negros e po-

vos indígenas cristalizou *criaturas espirituais* guerreiras, associadas ao totem felino como símbolo de força e astúcia. Sob essa convergência, Pantera Negra atua como espírito tutelar telúrico-ctoniano, guardião dos caminhos de riqueza e poder, operador ágil de trabalhos de ataque e defesa, justiceiro implacável e conselheiro reservado.

Na estrutura ontológica da *Quimbanda Goécia*, a relação entre Clauneck e Exu Pantera Negra não é meramente alegórica: ambos representam, em tradições distintas, a função arquetípica do mediador-guardião da prosperidade e da autoridade, cujo pacto implica reciprocidade estrita e fidelidade incondicional. Invocar Pantera

³³ Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA. Clube de Autores, 2019. Ver também DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024.

³⁴ Táta Kilumbu. O LIVRO DOS GANGAS DA QUIMBANDA NÂGÔ. *No prelo*.

Negra na Quimbanda — especialmente em consonância com os trânsitos e mansões lunares associados à sua esfera — é reativar um elo vivo com a antiga rede de cultos ctonianos, recuperando no presente um modelo de relação com o mundo espiritual que a modernidade tentou relegar ao esquecimento, mas que sobrevive na prática ritual como fonte legítima de poder, prosperidade e transformação.

A CASA 8 SOB A MATRIZ DE LEÃO E A 8ª MANSÃO LUNAR: CORRESPONDÊNCIAS ESOTÉRICAS ENTRE CLAUNECK E EXU PANTERA NEGRA NA QUIMBANDA GOÉCIA

A leitura astrológica tradicional oferece um prisma fundamental para compreender a função de Exu Pantera Negra na *Quimbanda Goécia* e sua afinidade com a esfera que, no GRIMORIUM VERUM, é atribuída a Clauneck. Tanto na tradição europeia dos grimórios quanto na leitura operativa da *nova síntese da magia*, certos espíritos tutelares encontram correspondências precisas com configurações astrais específicas. No caso de Pantera Negra — e de Clauneck — a associação à Casa 8 quando posicionada sob a matriz arquetípica de Leão e à 8ª Mansão Lunar revela-se particularmente fecunda para a compreensão simbólica, mágica e ritual de sua atuação.³⁵

Na astrologia, a Casa 8 é o domicílio das transformações radicais e das passagens liminares: morte e renascimento, partilhas e heranças, recursos compartilhados, iniciações de crise e de poder. É também a casa da *alquimia financeira*, onde se operam transmutações tanto materiais quanto psíquicas. A prosperidade aqui não se limita à acumulação: é a reconfiguração estratégica de recursos latentes em poder real. Para a tradição mágica, a Casa 8 corresponde ao espaço das artes ctonianas e necromânticas, o lugar de manipulação dos fluxos invisíveis que sustentam a realidade manifesta.

O signo de Leão, regido pelo Sol, imprime à Casa 8 — quando essa se encontra sob sua regência ou matriz simbólica — a dimensão da autoridade visível, da soberania e da liderança carismática. No plano simbólico, confere-lhe caráter régio na administração de bens e alianças ocultas, exigindo do operador a dignidade e a firmeza de um soberano oculto. É o arquétipo do guardião-rei que governa não apenas sobre o visível, mas também sobre o tesouro invisível resguardado nas profundezas — imagem que dialoga diretamente com a função mágica de Pantera Negra como protetor dos recursos, defensor dos pactos e mantenedor da ordem nas fronteiras do poder.

A 8ª Mansão Lunar, conhecida na tradição árabe como *Al Nathrah* — traduzida como *A Proteção* ou *A Caverna* —, situa-se aproximadamente entre 4°17' e 17°08'

³⁵ Do ponto de vista mágico-operativo, a utilização das Mansões Lunares e da posição da Lua nos signos oferece uma métrica astrológica mais refinada e responsiva para a prática ritual do que a observação exclusiva do Sol nos signos. Isso se deve ao fato de que a Lua percorre o zodíaco em cerca de 27 dias, ativando de forma rápida e recorrente setores sensíveis do mapa, enquanto o Sol leva um ano para cumprir o mesmo ciclo. Nas tradições mágicas — da astrologia eletiva árabe à magia cerimonial renascentista, e também em correntes afro-diaspóricas sincréticas como a Quimbanda — a Lua é considerada o principal corpo celeste regulador das marés astrais, influenciando diretamente a plasticidade do plano sutil e a receptividade dos espíritos. Cada Mansão Lunar carrega qualidades específicas que modulam, intensificam ou restringem determinadas operações, funcionando como um calendário fino para a magia prática, especialmente em ritos de invocação, consagração e materialização de objetivos.



de Leão no zodíaco tropical. No hermetismo astrológico, é tradicionalmente associada à proteção de riquezas, segurança contra inimigos e preservação de bens adquiridos. É um *tempo de poder* para trabalhos que visam blindar patrimônios, consolidar autoridade material e conquistar estabilidade financeira. Essa mansão é terreno fértil para conjurações de proteção econômica e fortalecimento do status financeiro — funções que espelham a esfera de Clauneck e, por extensão, de Pantera Negra.

A afinidade simbólica e funcional entre ambos é clara: Clauneck, mestre da *alquimia da oportunidade*, atua no território da Casa 8, ensinando a mobilizar recursos não imediatamente disponíveis — reativando bens estagnados, abrindo canais de crédito e patrocínio, aproveitando oportunidades onde outros não as percebem. Pantera Negra, sob a matriz

combinada da Casa 8 regida por Leão e da 8ª Mansão Lunar, exerce papel análogo: é o estrategista oculto, que se move com precisão felina, protege o que lhe é confiado, ataca sem hesitar quando provocado e mantém sob controle os fluxos vitais da economia mágica do *kimbanda*.

Do ponto de vista operativo, alinhar rituais de Pantera Negra com os trânsitos da Lua pela 8ª Mansão — especialmente quando forma aspectos favoráveis com o Sol ou Júpiter — potencializa trabalhos como:

- Proteção e blindagem financeira — preservando negócios, bens e alianças;
- Fortalecimento de pactos — renovando juramentos e compromissos com espíritos tutelares;
- Transformação de crise em poder — usando desafios como catalisadores de crescimento material e espiritual;
- Reativação de recursos ocultos — descobrindo e mobilizando oportunidades invisíveis.

Assim, a chave astrológica não é mero ornamento simbólico, mas um instrumento prático de sincronia mágica. Integrada à praxis da *Quimbanda Goécia*, ela permite que a invocação de Pantera Negra se realize em plena consonância com seu arquétipo, com a esfera de poder que Clauneck ocupa no imaginário noturno do GRIMORIUM VERUM e com a herança milenar dos cultos ctonianos que ambos, sob tradições distintas, continuam a encarnar.

ASSENTANDO DEMÔNIO

Desde DAEMONIUM: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (2022), venho demonstrando que a Quimbanda opera segundo a *fórmula mágica universal* do espírito tutelar. Essa fórmula, que explicitarei em sua estrutura fundamental no primeiro volume, DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA (2019), desenvolvi posteriormente em DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (2024) e em WANGA: O SEGREDO DO DIABO (2024), onde demonstrei que o mecanismo central desta operação se traduz, na prática, na



constituição ritual de *divindades tutelares corporificadas* — na maioria das vezes almas deificadas — através de um processo sacramental que lhes confere morada e presença no mundo material.

Nos ensaios da série *Teurgia & Cabalá Crioula*, demonstrei que esse é um pensamento religioso antigo e trans-histórico: *potências espirituais só podem intervir efetivamente na vida humana quando possuem corpo e presença no plano da geração*. Em termos teológicos, trata-se de reconhecer que, enquanto a essência da divindade ou do espírito superior permanece transcendente, a sua eficácia operativa no mundo sensível exige *corporificação* — i.e. a instauração de um ponto de ancoragem físico-ritual que seja, simultaneamente, corpo receptor e foco irradiador de sua potência.

Na tradição teúrgica do platonismo tardio e do hermetismo alexandrino, essa prática era conhecida como *telestikē*: a arte de *dar nascimento* a imagens sagradas, animando-as com a descida ritual da Forma (*eîdos*) ao corpo material preparado. Em termos operativos, não se tratava de mera escultura ou fabricação de ídolos, mas de um ato cosmogônico reduzido à escala do culto: o nascimento ritual do corpo terrestre de uma divindade, para que nela pudesse habitar a sua presença eficaz. É precisamente esse mesmo princípio que, na *Quimbanda Goécia*, se manifesta no *assentamento de um demônio* — entendido não como caricatura demonológica cristã, mas como equivalente funcional ao *daimôn* tutelar da magia greco-egípcia, ao *paredros* dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, ou ao *diabo pessoal* da tradição fáustico-cipriânica.

O assentamento, portanto, é uma *teogonia operativa*: um processo ritual que não apenas consagra um objeto, mas *faz nascer ritualmente o corpo terrestre de um espírito tutelar*, que comandará, a partir daquele ponto, as miríades de entidades que compõem a sua falange. Esse corpo não é metáfora nem simples representação simbólica: ele é ontologicamente o veículo da presença real do espírito, um corpo de poder (*sōma dynamikón*) que, uma vez animado, se torna sujeito de ação, interlocutor no rito e centro irradiador de forças.

Essa compreensão recoloca a prática do assentamento no horizonte mais amplo da história das religiões e da magia: *assentar um demônio é instaurar no espaço-tempo do rito um nó de convergência entre o plano da geração e o plano espiritual*, permitindo que a potência tutelar atue no destino do operador e de sua comunidade. Sem essa corporificação, a presença do espírito permanece difusa; com ela, adquire densidade, foco e agência. É assim que a Quimbanda perpetua, em sua própria chave afro-diaspórica e sincrética, a mais antiga das artes sagradas: a arte de *fazer nascer deuses na terra*.

Na *Quimbanda Goécia*, a operação de assentar um demônio não ocorre num vácuo ontológico: ela se inscreve dentro de uma cadeia hierárquica cujo vértice é ocupado pelo Chefe Império Maioral — o Diabo da Quimbanda, identificado com o *Mistério Sem Nome* que sintetiza, em si, o poder convergente das matrizes culturais e espirituais que formaram a tradição. O Maioral é o *arconte supremo* da teogonia da

Quimbanda, origem e legitimador da autoridade dos Exus tutelares e, por extensão, dos demônios que estes comandam.

No modelo hierárquico herdado e adaptado do GRIMORIUM VERUM e da tradição fáustico-cipriânica, o Exu tutelar ocupa o papel análogo ao *daimôn pessoal* das tradições greco-romanas ou ao *paredros* dos papiros mágicos: é o mediador imediato entre o *kimbanda* e o *corpo* de Maioral. Este, por sua vez, exerce função equivalente à de uma divindade soberana na lógica cultural antiga — não necessariamente um deus universalista, mas um poder supremo particular ao culto, de natureza telúrico-ctoniana e polaridade andrógina, capaz de gerar e sustentar a pluralidade dos reinos e linhas. A estrutura pode ser descrita, portanto, como *vertical e funcional*:



1. Maioral — fonte da autoridade e do poder sobre as hostes espirituais;
2. Exu tutelar — depositário imediato dessa autoridade no plano do operador;
3. Demônios de falange — criaturas espirituais diversas comandadas pelo Exu, organizadas segundo especializações e funções.

O assentamento de um demônio, dentro dessa hierarquia, não é apenas a criação de um ponto de presença espiritual, mas a formalização da subordinação funcional desse espírito ao Exu tutelar e, por via deste, ao Chefe Império Maioral. É, portanto, um ato jurídico-ritual no sentido teúrgico: o demônio é integrado formalmente à rede de comando, o que garante sua lealdade, sua coerência funcional e a estabilidade do vínculo com o operador.

No caso de divindades terrestres como Clauneck e Exu Pantera Negra, essa lógica hierárquica ganha uma dimensão específica. Clauneck, na goécia do GRIMORIUM VERUM, é um *espírito de alto escalão especializado em prosperidade*; Pantera Negra, na Quimbanda, é um Exu tutelar cujo campo de atuação também está vinculado à aquisição e proteção de recursos. Quando Pantera Negra é identificado ou alinhado funcionalmente com Clauneck, estabelece-se um *elo sincrético sinérgico* que unifica a competência da goécia europeia com a matriz afro-diaspórica, criando um núcleo de poder que combina as qualidades de ambos sob a chancela do Chefe Império Maioral. O assentamento, nesse caso, é o *lugar de convergência* entre esses dois vetores:

- Por um lado, a potência ancestral afro-brasileira de Pantera Negra, conectada aos reinos e linhas da Quimbanda;
- Por outro, a especialização funcional da goécia de Clauneck, com sua característica de manipulação da fortuna e do fluxo econômico.

Quando o demônio é assentado sob a autoridade do Exu tutelar e do Chefe Império Maioral, a *função simbólica e mágica* deixa de ser apenas *alegórica* para tornar-se *ontológica*: não se trata de *associar* ou *sincretizar* simbolicamente, mas de *vincular*

efetivamente dois polos de poder sob um mesmo comando ritual. Assim, o assentamento é, ao mesmo tempo:

- Teogonia operativa — pois corporifica a força no mundo da geração;
- Ato de incorporação hierárquica — pois submete a força à cadeia de comando Maioral → Exu → Demônio;
- Ponto de convergência sincrética — pois funde especializações e matrizes culturais distintas em um mesmo corpo operativo.

Na prática, isso significa que, ao assentar um demônio sob a égide de Pantera Negra e a chancela do Chefe Império Maioral, o *kimbanda* não apenas instala um ponto de poder, mas *cria uma célula viva da hierarquia Quimbanda Goécia* — um núcleo de atuação que, a partir daquele assentamento, passa a interagir com as demais forças do culto como parte orgânica da rede maior.

CONCLUSÃO

A Quimbanda, tal como se delinea na *nova síntese da magia*, é mais do que uma fusão contingente de elementos da goécia europeia, das tradições afro-diaspóricas e das teurgias populares brasileiras: ela constitui a sua expressão mais orgânica e bem-sucedida. Herdeira direta da reelaboração operada por Aluízio Fontenelle, a Quimbanda assimilou criticamente os modelos hierárquicos, simbólicos e operativos do GRIMORIUM VERUM e dos pactos fáustico-cipriânicos, incorporando-os numa matriz de culto própria, animada pelo vigor das práticas ancestrais afro-brasileiras e pela plasticidade sincrética das pajelanças, caboclagens e feitiçarias cruzadas.



Nesse sentido, a Quimbanda é filha legítima da *Nova Síntese da Magia* porque nela se cumprem, de forma plena, as condições de uma tradição viva: transmissão de um núcleo doutrinário coerente, adaptação criativa às realidades culturais locais, integração funcional entre teologia, simbolismo e técnica ritual. A sua capacidade de operar com o espírito tutelar como eixo ontológico da prática mágica, a sua hierarquia articulada ao *Mistério Sem Nome* do Chefe Império Maioral, e a sua competência para incorporar e reconfigurar inteligências espirituais de múltiplas procedências, fazem dela não apenas um ramo especializado da feitiçaria brasileira, mas uma das expressões mais originais e consistentes do *Ocultismo Brasileiro*.

Assim, a *Quimbanda Goécia* — e, por extensão, a Quimbanda enquanto corpo doutrinário — revela-se como um dos raros casos em que uma tradição

mágica nacional não só dialoga com as correntes clássicas do *esoterismo ocidental*, mas as reinterpreta a partir de sua própria ontologia, transformando-se, assim, numa via iniciática completa e autossuficiente, capaz de gerar, sustentar e transmitir poder espiritual segundo a lógica e a ética do seu próprio culto.

Táta Nganga Kamuxinzela
Cova de Cipriano Feiticeiro

